



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GYSSLAINE CARVALHO GOIS

***A HORA DA ESTRELA: UMA  
ANÁLISE LITERÁRIA***

ITABAIANA/SE  
2024

**GYSSLAINE CARVALHO GOIS**

***A HORA DA ESTRELA: UMA  
ANÁLISE LITERÁRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

**GYSSLAINE CARVALHO GOIS**

***A HORA DA ESTRELA: UMA  
ANÁLISE LITERÁRIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

---

Profa. Dra. Elisabete Ferraz Sanches (IFRO)

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, minha maior riqueza, por terem se doado sem reserva para me dar uma boa educação e, principalmente, por acreditarem e nunca desistirem de mim.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, dono de toda criação e detentor de toda a glória, por me conceder força e perseverança para chegar até aqui;

A minha mãe Elaine e ao meu pai Genilson, por tanto amor, encorajamento e apoio que me deram durante toda a vida, sobretudo nessa fase acadêmica. Vocês sempre estiveram ao meu lado e eu serei eternamente grata por tanto zelo e doação. Saibam que se estou aqui é por vocês;

Aos meus amados avós Lita e Elias, por cuidarem de mim e me amarem tanto desde a minha concepção. As suas histórias de vida e valores familiares são, para mim, uma fonte constante de motivação e força. Obrigada por me ensinarem tudo de melhor que trazem consigo;

Ao meu noivo, Paulo Victor, por todo cuidado e compreensão que teve comigo durante todos esses anos de estudo. Obrigada por me mostrar o amor nos detalhes;

A irmã Edwiges Maria, por ser para mim uma mãe e cuidar de mim como tal, por me ouvir e aconselhar, por me acolher, abraçar e ser, sobretudo, presença viva de Nossa Senhora na minha vida; Ela que cuida, zela e intercede por cada filho Seu;

Por fim, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Fábio José, por ter aceitado prestar sua orientação neste trabalho e ter contribuído imensamente para a minha formação acadêmica. Obrigada por sua tamanha presteza, zelo e tempo despendido em meu auxílio para a realização deste trabalho

## EPÍGRAFE

"Pois na hora da morte a pessoa se torna  
brilhante estrela de cinema, é o instante de glória  
de cada um e é quando como no canto coral se  
ouvem agudos sibilantes."

- Clarice Lispector

## RESUMO

*A Hora da Estrela*, obra literária da escritora brasileira Clarice Lispector, publicada em 1977, é reconhecida devido ao estilo intimista e subjetivo da autora, à presença de um narrador tão importante e essencial quanto a própria protagonista (Macabéa), além da abordagem de temas como desigualdade, exclusão/marginalização, crises identitárias e a clara representação da realidade social da época. Este trabalho propõe, a partir do foco narrativo, um estudo mais aprofundado sobre a obra e as reflexões nela contidas. Para isso, foram utilizados os seguintes aportes teóricos: “Teoria da narrativa: posições do narrador”, de Arrigucci Jr; “Direitos Humanos e literatura”, de Antonio Candido; *Teoria Literária: uma Introdução*, de Jonathan Culler; “O ponto de vista na ficção”, de Norman Friedman; *O foco narrativo*, de Lígia Chiappini; *Dicionário de teoria da narrativa*, de Ana Cristina e Carlos Reis.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, foco narrativo.

## ABSTRACT

*A Hora da Estrela*, a literary work by Brazilian writer Clarice Lispector, published in 1977, is recognized due to the author's intimate and subjective style, the presence of a narrator as important and essential as the protagonist herself (Macabéa), in addition to the approach to themes such as inequality, exclusion/marginalization, identity crises and the clear representation of the social reality of the time. This work proposes, from the point of view in fiction, a more in-depth study of the work and the reflections contained therein. For this, the following theoretical contributions were used: “Teoria da narrativa: posições do narrador”, by Arrigucci Jr; “Direitos Humanos e Literatura”, by Antonio Candido; *Teoria Literária: uma Introdução*, by Jonathan Culler; “O ponto de vista na ficção”, by Norman Friedman; *O foco narrativo*, by Lígia Chiappini; *Dicionário da teoria da narrativa*, by Ana Cristina and Carlos Reis.

**Keywords:** Clarice Lispector, *A Hora da Estrela* [*The Hour of the Star*], Point of view in fiction.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 UM OLHAR SOBRE O ATO DE NARRAR	10
2 UM OLHAR SOBRE CLARICE LISPECTOR, SUA ESCRITA E ESTILO LITERÁRIO	16
3 NARRAÇÃO E PROTAGONISMO: O PAPEL DE RODRIGO S. M.	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

## INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de expressão artística que possibilita aos escritores explorarem a complexidade da condição humana, abordando temas essenciais para o despertar de reflexões acerca da existência e da vida de cada indivíduo. Segundo Candido (1989, p. 17), a literatura “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante”. Nesse contexto, a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, ocupa um lugar ímpar e fundamental na literatura brasileira, atraindo leitores a apresentar uma narrativa profundamente intimista, reflexiva e atraente.

Publicada em 1977, *A Hora da Estrela* convida o leitor a mergulhar no universo da protagonista Macabéa, uma jovem nordestina que sai da sua terra em direção à grande Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida; entretanto, a história da personagem vai muito além de uma mera busca por melhores condições. Clarice utiliza, aqui, uma escrita singular para explorar temas como a desigualdade social, exclusão, questões existenciais e a própria natureza – difícil – da escrita.

Para atingir este objetivo, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, será apresentado um debate teórico acerca do narrador, a fim de que discutamos qual o tipo de narrador presente na obra, se ele participa de maneira direta ou indireta narrativa, etc.; no segundo capítulo, será apresentada uma análise geral acerca do estilo literário e a linguagem utilizada por Clarice Lispector na composição das suas obras; no terceiro capítulo, será realizada uma análise mais aprofundada sobre Rodrigo S. M., narrador de *A Hora da Estrela*.

Ao final deste, espera-se ampliar e amadurecer a compreensão sobre a obra *A Hora da Estrela* e o papel de Clarice Lispector na literatura brasileira, além de incentivar a reflexão das questões sociais e existenciais presentes nessa narrativa singular, que continua impactando leitores ao redor de todo o mundo.

## 1 UM OLHAR SOBRE O ATO DE NARRAR

O ato de narrar é a ação de contar uma história real ou fictícia, utilizando palavras, gestos expressivos, etc. A narrativa, por sua vez, é uma forma fundamental de expressão humana, uma vez que permite ao leitor compartilhar experiências, transmitir conhecimentos, evocar emoções e estabelecer conexões com outrem. Em outras palavras, o ato de narrar é muito mais do que apenas falar palavras, é também compartilhar experiências e emoções que criam vínculos entre narradores e ouvintes.

Existem várias maneiras de narrar, a exemplo da narração escrita, oral, visual, cinematográfica, entre outras. Cada maneira possui suas próprias particularidades e recursos específicos para transmitir a história de maneira eficaz. Ademais, a narrativa pode ser estruturada de diferentes maneiras, como linear, em que os eventos são apresentados em uma sequência cronológica, ou não linear, em que a ordem dos eventos é alterada a fim de criar suspenses ou explorar diferentes perspectivas.

O ato de narrar envolve escolhas criativas e inovadoras por parte do narrador, como a seleção das palavras, a construção de personagens, a definição do estilo da narrativa, etc. O principal objetivo é envolver o público-alvo, despertar sua imaginação e mantê-lo interessado na história que está sendo contada. Ela, por sua vez, desempenha um papel imprescindível em variadas formas de arte, a exemplo da literatura, cinema, teatro, música, etc. É uma ferramenta poderosa para transmitir ideias, valores culturais e explorar aspectos profundos da condição humana.

Ademais, a narração é a arte de contar histórias, é uma habilidade essencial que conecta pessoas, estimula a imaginação e tem o poder de cativar, inspirar e impactar a outros. Além disso, uma figura importante e indispensável para a realização da narração é o narrador, indivíduo que Reis e Lopes (1998, p. 61) entendem “(...) fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso”. Diz ainda ele que o narrador:

[...] é detentor de uma voz (v.) observável ao nível do enunciado por meio de intrusões (v.), vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas. (REIS; LOPES, 1988, p. 63)

Tendo o conceito de narrador definido como detentor de um ponto de vista e enunciatore de um discurso, alguém que expressa suas ideologias e opiniões pessoais por meio de intrusões e vestígios sutis, vejamos as considerações de Lígia Chiappini Moraes Leite em *O Foco Narrativo* (1987):

Norman Friedman começa por se levantar as principais questões a que é preciso responder para tratar do narrador: 1) quem conta a história? Trata-se de um narrador em

primeira pessoa ou em terceira pessoa? De uma personagem em primeira pessoa? Não há ninguém narrando? 2) De que posição ou ângulo em relação à história o narrador conta? (Por cima? Na periferia? No centro? De frente? Alternando? 3) Que canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor? (Palavras? Pensamentos? Percepções? Sentimentos? Do autor? Da personagem? Ou uma combinação disso tudo? 4) A que distância ele coloca o leitor da história? (Próximo? Distante? Mudando?) (LEITE, 1987, p. 26).

“Quem narra a história?” Isso inclui determinar se o narrador é em primeira pessoa, terceira pessoa ou até mesmo um personagem dentro da história que narra. “Qual é a perspectiva do narrador em relação à história?” Isso envolve o ângulo de visão e a posição do narrador em relação aos eventos da trama. “Que meios o narrador utiliza para comunicar a história?” Isso abrange os canais de informação, como palavras, pensamentos, percepções e sentimentos, que o narrador usa para transmitir os eventos ao leitor. “Qual é a distância emocional entre o leitor e a história, determinada pelo narrador?” Isso inclui a proximidade emocional que o narrador cria entre o leitor e os personagens/eventos da história. Essas considerações ajudam a moldar a maneira como a história é apresentada e como o leitor se envolve com ela.

Diante das questões levantadas acima, nota-se quão importante é identificar o tipo de narrador para que se possa compreender como a história é contada e quais são as individualidades dela. Perante essa afirmação e os questionamentos do fragmento acima, faz-se necessário que o leitor se atente à linguagem e ao ponto de vista de como a história é contada, se a narrativa está em 1ª ou em 3ª pessoa (utilizando os pronomes “eu” ou “ele(a)”, respectivamente), o que irá indicar se quem conta está mais próximo ou mais distante dos personagens da história. Se o narrador se utiliza de pronomes como “eu”, “meu/minha”, provavelmente ele será um personagem dentro da história, mas se ele utiliza pronomes como “ele(a)”, “seu/sua”, oferecendo uma perspectiva mais distante dos personagens, provavelmente ele será uma entidade à parte, separada dos personagens. Estas são considerações importantes para se entender o papel do narrador na história.

Ademais, além de atentar-se à pessoa através da qual o narrador conta a história, é mister analisar qual é a relação que ele, o narrador, tem com ela, a história: ele está diretamente envolvido nos fatos narrados ou está de fora? Ele conta o que vê de maneira próxima ou distante? Aqui menciono Arrigucci Jr. (1998, p. 10): “Quando vamos contar qualquer história, uma das questões básicas é esta que a historieta propõe: como narrá-la, de que ângulo narrá-la”. O narrador tem acesso aos pensamentos e aos sentimentos dos personagens? De que maneira se dá o diálogo na narrativa? É um diálogo direto ou indireto? Enfim, tudo isso faz parte do processo de identificação do narrador e é de suma importância para a compreensão da narrativa, a não ser que o(a) autor(a) se utilize de novas técnicas de narração a fim de desafiar a expectativa tradicional do narrador, tornando esse processo de identificação mais difícil. Isso é o que faz Clarice em suas obras.

A partir disso, partimos para uma outra definição: a intrusão. Além de o narrador possuir conhecimento dos eventos e pensamentos de cada personagem, ele participa e interfere diretamente na narrativa, comentando, opinando e ingressando nos diálogos, não se permitindo ser uma entidade invisível e apenas onisciente, mas *intruso*. Ele é um “*eu*” que tudo sabe, analisa e critica, além de estar posicionado em cima, dominando a tudo e a todos, talvez até mesmo as reações dos leitores. Vejamos o que diz Lígia Chiappini acerca dessa afirmação:

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse defora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada. (LEITE, 1987, p. 26-27)

Sob tal ótica, tomamos conhecimento do leque de possibilidades que o narrador *onisciente intruso* possui para narrar uma história. Esse tipo de narrador pode assumir diferentes posições, como um ponto de vista divino ou uma perspectiva externa aos eventos. Ele também pode narrar a partir do centro ou da periferia dos acontecimentos, variando suas posições ao longo da história. O traço distintivo desse narrador é a *intrusão*, ou seja, ele insere seus próprios comentários sobre diversos aspectos da vida, costumes, personagens e moral, podendo ou não estar diretamente relacionados à trama narrada. Suas palavras, pensamentos e percepções são os principais canais de informação.

O narrador é descrito como um “*eu*” onisciente intruso que conhece tudo, comenta, analisa e critica os eventos sem neutralidade. Esse narrador provavelmente está em um lugar superior, controlando até mesmo as reações dos leitores e usando vários canais de comunicação, com a observação direta sendo predominante. A presença desse narrador nos coloca a uma distância tanto menor, já que temos acesso aos pensamentos das personagens, quanto maior, visto que o narrador atua como intermediário entre nós e os fatos narrados. Isso cria um afastamento irônico dos eventos, impedindo a identificação completa com as personagens e incentivando pausas para reflexão crítica.

Jonathan Culler (1999) afirma que o enredo (apresentação inicial, complicação, clímax e desfecho) é o elemento básico de uma narrativa e há duas formas de concebê-lo: a primeira é como mecanismo que dá forma aos fatos por meio de uma história e como uma história propriamente dita. Desse modo, perante o contraste entre enredo e discurso, vale ressaltar que o enredo é o “*dado*” e o discurso trata-se das mais variadas apresentações dele. Para melhor compreender do que se trata o enredo, devem-se fazer algumas observações, dentre elas o nível de acontecimentos/fatos, o nível da história propriamente dita e o nível do discurso, que nada mais é do que a história contada a partir de

um ponto de vista.

Além disso, Culler ainda afirma que “o enredo ou história é o material que é apresentado, ordenado a partir de um certo ponto de vista pelo discurso (diferentes versões da mesma história)” (CULLER, 1999 p. 87). Em outras palavras, o enredo é o conteúdo apresentado e organizado a partir de um determinado ponto de vista, enquanto o discurso compreende diferentes versões da mesma história, cada uma contada de acordo com uma perspectiva específica. Logo, para melhor identificar a configuração do enredo/história, é necessário identificar: *Quem fala? Quem fala para quem? Quem fala quando? Quem fala que linguagem? Quem fala com que autoridade? Quem vê?*.

Na literatura, a questão “*quem fala?*” refere-se à noção de autoria e à voz por trás de um determinado texto. Culler sugere que o narrador é uma “construção” ou um papel assumido pelo escritor dentro de um texto, podendo estar incluso dentro da história como personagem ou estar fora dela. O narrador em 1ª pessoa pode ser protagonista, participante, personagem secundário ou somente observador, cuja função não é atuar, mas descrever os fatos para o leitor. Já o narrador em 3ª pessoa não é identificado como personagem e todos os outros são referidos com pronomes também em 3ª pessoa “ele(a)”.

“*Quem fala para quem?*” Esta questão pertence à ideia do leitor. Culler enfatiza que os textos não são criados de maneira isolada, mas são projetados para se comunicar com o leitor, que pode inferir no texto um narrador, uma voz que fala. Ainda diz que:

[...] o narrador se dirige a ouvintes que às vezes são subentendidos ou construídos, às vezes explicitamente identificados (particularmente nas histórias dentro de histórias, onde um personagem se torna o narrador e conta a história encaixada para outros personagens. (CULLER, 1999, p. 88)

“*Quem fala quando?*” Esta questão aborda o contexto histórico e temporal em que um texto é produzido e recebido. Culler enfatiza que os textos estão situados dentro de contextos culturais, sociais e históricos que moldam seu significado e interpretação. A narração pode ser feita na época exata em que os eventos acontecem ou depois dos acontecimentos finais da narrativa.

“*Quem fala que linguagem?*” Esta questão considera a escolha da língua e os sistemas linguísticos particulares empregados em um texto. Idiomas e estilos linguísticos diferentes transmitem diferentes significados e associações culturais:

[...] O teórico russo Mikhail Bakhtin descreve o romance como fundamentalmente polifônico (múltiplas vozes) ou dialógico ao invés de monológico (única voz): a essência do romance é sua encenação de diferentes vozes ou discursos e, portanto, do embate de perspectivas sociais e pontos de vista. (CULLER, 1999, p. 89)

“*Quem fala com que autoridade?*” Esta questão examina a autoridade ou legitimidade por

trás da voz do autor no texto. Culler argumenta que a “autoridade autoral” não é absoluta ou inerente, mas é concedida dentro de contextos literários e culturais específicos:

[...] Os narradores são às vezes chamados de não confiáveis quando fornecem informação suficiente sobre situações e pistas a respeito de suas predisposições para nos fazer duvidar de suas interpretações dos acontecimentos, ou quando encontramos motivos para duvidar que o narrador partilha os mesmos valores que o autor. Os teóricos falam de narração auto-reflexiva quando os narradores discutem o fato de que estão narrando uma história, hesitam sobre como contá-la ou até mesmo ostentam o fato de que podem determinar como a história vai acabar. A narração auto-reflexiva realça o problema da autoridade narrativa. (CULLER, 1999, p. 89-90)

"*Quem vê?*" Esta questão levanta o ponto da perspectiva e interpretação. Culler enfatiza que o leitor traz suas próprias experiências e estruturas interpretativas para o ato de ler. O significado de um texto é, portanto, resultado da interação entre o leitor e o texto.

Acerca das configurações mencionadas anteriormente, a exemplo da reflexão metalinguística, sobre a própria arte da escrita, a inserção de opiniões pessoais e afins, Culler (1999) apresenta uma expressão chamada *narração autorreflexiva*, que se refere justamente à narrativa que faz menção ao próprio ato de narrar e na qual o narrador reconhece que está contando uma história. Através dessa modalidade, o narrador pode comentar sobre seu papel de contador de história e questionar as escolhas da narrativa, pode dirigir-se diretamente ao leitor e pode ainda desafiar as convenções narrativas, explorando a relação entre o que é real e o que é fictício. Essa técnica é uma espécie de metaficção, ou seja, a história volta a si mesmo e chama a atenção de quem lê para a natureza ficcional do texto, oferecendo uma reflexão metalinguística sobre o próprio processo de escrita e envolvendo o leitor de maneira direta, levando-o a refletir sobre o processo de construção da narrativa. Nesse sentido, os estudos narratológicos:

[...] falam de narrativa autorreflexiva quando os narradores discutem o fato de que estão narrando uma história, hesitam sobre como contá-la ou até mesmo ostentam o fato de que podem determinar como a história vai acabar. (CULLER, 1999, p. 89-90)

Em outros termos, os narradores reconhecem e interagem com o próprio ato de contar histórias. Isso certamente acrescenta uma camada de complexidade à narrativa, permitindo que os narradores influenciem e guiem a experiência do leitor ao discutirem abertamente sua posição como contadores de histórias. A autorreflexão pode ainda proporcionar uma conexão mais profunda entre a história e o público, ao revelar a consciência do narrador sobre seu papel na construção da narrativa.

A função do narrador é de fundamental importância na construção e transmissão da história, já que é por meio da sua voz e percepções que os fatos são apresentados aos leitores. O narrador ainda possui controle sobre os elementos da história, podendo direcionar o foco, fornecendo *insights* sobre os personagens, eventos, etc. Além disso, ele desempenha um papel determinante no engendramento

das emoções e interpretações de cada leitor, moldando suas percepções e entendimento da narrativa. Dessarte, analisar e entender o papel do narrador é extremamente importante para se fazer uma apreciação mais completa da história e das mensagens subjacentes nela contidas.

## 2 UM OLHAR SOBRE CLARICE LISPECTOR, SUA ESCRITA E ESTILO LITERÁRIO

Neste segundo capítulo, iremos investigar a linguagem e o estilo literário de Clarice Lispector, a autora aqui estudada, a fim de melhor compreendermos as características literárias que tornam a sua escrita tão singular e distintiva, mas, primeiro, veremos como foi a sua participação na Geração de 45.

Como se sabe, a terceira geração modernista, também conhecida como “Geração de 45”, é a última fase do modernismo literário no Brasil. Essa geração surgiu por volta do ano de 1945 e estendeu-se até a década de 1980, representando uma grande mudança em relação às fases anteriores do modernismo, com uma atitude mais formal e menos radical, se comparada com a Semana da Arte Moderna. Escritores como Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto fizeram parte dessa geração juntamente com Clarice Lispector, todos rompendo com algumas convenções literárias e explorando temas mais introspectivos e repletos de reflexões. Cada um a seu modo contribuiu significativamente para a diversidade da nossa literatura brasileira moderna.

Clarice Lispector é conhecida por sua escrita peculiar e criações literárias renomadas, a exemplo de *A Hora da Estrela* (1977), *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Laços de Família* (1960), entre tantas outras obras que encantam e cativam os leitores até os dias de hoje. Com um estilo literário marcante, Clarice influenciou expressivamente a literatura brasileira e se consagrou, naturalmente, como uma das maiores escritoras do século XX.

As nuances da prosa poética de Clarice são uma parte essencial de seu estilo literário. Algumas características que destacam essa prosa são, por exemplo: as imagens vívidas que a autora cria por meio da linguagem, porque, como sabemos, Clarice frequentemente usava metáforas e comparações para descrever lugares, objetos e emoções, tornando sua prosa rica em imagens sensoriais; o uso da primeira pessoa, que tem por objetivo permitir uma conexão íntima entre o leitor e o narrador, fazendo com que ele, o leitor, se sinta imerso nos pensamentos e sentimentos do narrador; a introspecção e a reflexão, que também fazem parte das nuances, uma vez que Clarice explora as complexidades da psicologia humana e as questões existenciais por meio de sua escrita poética; o foco no ordinário e nos detalhes aparentemente insignificantes, através dos quais a autora consegue mostrar o extraordinário.

Além das nuances poéticas, a profundidade da introspecção de Clarice Lispector é também uma das características marcantes de sua escrita, principalmente porque a autora tinha uma capacidade inigualável de explorar a complexidade da psicologia humana e das emoções dos personagens de maneira profunda. Entre os aspectos que destacam a profundidade dessa introspecção, podemos

incluir as questões existenciais e filosóficas do ser humano, a exploração das camadas da consciência, os monólogos interiores e a observação dos estados de espírito.

Acerca das questões existenciais, Clarice procura destacar a sua incessante busca de sentido na vida, abordando temas como a solidão, a crise identitária e a relação entre o ser humano e o mundo, tudo isso utilizando o dilema introspectivo dos seus personagens. Na exploração da consciência, a autora examina não somente os pensamentos supérfluos dos personagens, mas também os mais profundos e conflituosos. Os monólogos interiores são criados para propiciar ao leitor um acesso direto aos pensamentos e reflexões mais íntimas dos personagens, criando uma sensação realista de imersão na mente de cada um deles.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice utiliza a linguagem para realizar uma crítica social, não se limitando apenas a explorar o aspecto individual, mas também questões mais amplas da sociedade, da condição humana e das relações interpessoais. A autora escreve de modo que, naturalmente, sua escrita transcenda o particular, o isolado, para lançar luz sobre questões sociais e filosóficas mais generalizadas. Essa escrita de Clarice ganha destaque por muitos motivos, mas um dos principais é a sua capacidade de produzir uma atmosfera de confidencialidade e intimidade entre o autor e o leitor, o que permite que o leitor se sinta profundamente imerso e envolvido com a história e os personagens.

O estilo intimista de Clarice é, em grande parte, o resultado de sua habilidade em revelar o que há de mais íntimo tanto em sua própria experiência quanto na psicologia dos seus personagens. Suas palavras refletem as emoções, os sentimentos e os pensamentos mais profundos, criando uma conexão e cumplicidade poderosa entre o autor e o leitor. Além do estilo intimista, outra característica marcante das obras clariceanas é a metalinguagem, que se trata de um recurso literário que ocorre quando um autor faz referência à própria obra, ao ato de escrever ou até mesmo a elementos da linguagem dentro da própria narrativa. Em *A Hora da Estrela*, a metalinguagem é utilizada de diversas formas, a fim de produzir uma narrativa complexa e reflexiva.

Rodrigo S. M., narrador da obra, é uma figura que assume uma postura metalinguística ao longo da história, tendo em vista que ele não somente narra a vida da protagonista Macabéa, mas também comenta sobre sua própria escrita e a relação entre o autor e o personagem. Rodrigo questiona seu papel como narrador e escritor, refletindo sobre a dificuldade de expressar a existência de Macabéa através das palavras.

Ademais, Clarice utiliza recursos metalinguísticos para explorar a natureza da linguagem da escrita, fazendo com que o próprio texto revele suas restrições, entraves e também o processo de construção narrativa. Isso é mais uma habilidade de Clarice que contribui para uma experiência literária profunda, na qual, como já mencionado anteriormente, o leitor é convidado a refletir sobre o ato de escrever, a criação literária e a própria existência.

Junto ao recurso metalinguístico, Clarice utiliza a autorreflexividade como mecanismo de interação do leitor com a obra. O narrador, Rodrigo S. M., por exemplo, é uma espécie de *alter ego* da autora, ou seja, um “segundo eu”, e ele constantemente se envolve em reflexões sobre a própria escrita, o processo de criação literária e a relação entre o autor e sua personagem, tornando a narrativa profundamente autorreflexiva, levando o leitor a refletir sobre a ficção e a influência do autor na construção dos personagens e suas histórias.

Sob tal ótica, destaca-se a presença do narrador-autor, Rodrigo, que frequentemente envolve o leitor nesse processo de escrita e de reflexão sobre a própria criação, possibilitando que essa abordagem metaficcional crie uma sensação de imediatez na narrativa, como se o texto estivesse sendo construído no momento da leitura, envolvendo o leitor de forma participativa. No final, a sensação de não estar sozinho ou no passado daquele que leu reforça a ideia de que a literatura transcende o tempo e o espaço, conectando leitor e autor em um diálogo atemporal.

Em *A Hora da Estrela*, por exemplo, Clarice conta não só a história de Macabéa, mas também permite que o narrador conte e reflita sobre o processo de escrita e narratológico:

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. (LISPECTOR, 1998, p. 11)

A linguagem de Clarice é tão distinta e única que até o próprio narrador da obra destaca a dificuldade do processo de escrita. Ele descreve como é necessário se colocar no nível das personagens, principalmente de Macabéa, para retratá-las adequadamente. “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados. (...) O que me proponho a contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Aqui o narrador enfatiza o desafio e o esforço envolvidos na criação literária; entretanto, reconhece que, apesar das dificuldades, o ato de escrever é capaz de gerar “faíscas e aços espelhados”, iluminando a narrativa. Isso revela a determinação do narrador em transmitir a sua história e a dos personagens de forma autêntica, mesmo diante das complexidades envolvidas no processo de escrita. Aqui vemos mais um argumento de Rodrigo para justificar o desejo de escrever:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

No trecho acima, Rodrigo fala de questões existenciais e da importância da escrita como uma espécie de “válvula de escape”, e ainda comenta sobre a necessidade de escrever como uma forma de enfrentar o mundo, o desespero e a triste sensação de não se encaixar nele.

Nesse contexto, a escrita assume uma importância crucial como um meio de dar sentido à vida. É por meio do processo de escrita que o narrador encontra um combustível que o impede de morrer “simbolicamente”, como ele diz, todos os dias. A escrita é vista por ele como uma representação da realidade que lhe permite viver uma constante catarse, tornando-a uma ferramenta vital e um estímulo para que ele não “morra” a cada dia. Embora estejamos tratando do ponto de vista de Rodrigo, talvez os escritores da nossa vida real também utilizem a escrita como um meio de explorar suas próprias emoções e dar sentido à vida, ao mundo, a si.

Por fim, neste capítulo exploramos com detalhes as características da escrita e o estilo literário único e emblemático de Clarice Lispector. Através do seu estilo e sua linguagem inovadora, sua introspecção profunda, sua abordagem formal e várias outras habilidades ímpares, Clarice desafiou as convenções literárias e explorou questões existenciais de maneira única. Por isso, a sua influência na literatura brasileira é inegável, tanto que suas obras continuam a surpreender e inspirar a nós, leitores.

### 3 NARRAÇÃO E PROTAGONISMO: O PAPEL DE RODRIGO S. M.

Alfredo Bosi, grande crítico literário brasileiro, afirma que *A Hora da Estrela* é uma narrativa que explora a condição humana marginalizada, sem identidade, invisível e solitária, destacando a personagem Macabéa como representante dessa realidade. Bosi ressalta que a protagonista é apresentada na obra como uma figura sem voz e sem espaço no mundo, entretanto, paradoxalmente, possui uma existência plena que desperta em seu âmago uma busca incessante pelo sentido da vida. Sobre a autora e sua escrita, Bosi (1970, p. 452) revela:

Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio. Que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irreduzível realidade. O sujeito só "se salva" aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora [...].

Sob tal ótica, Clarice desenvolve um estilo que procura renovar determinados padrões literários que se baseiam em técnicas comuns de narração e, desse modo, produz uma maneira inusitada e singular de escrever. Utilizando uma linguagem poética e filosófica, ela busca ainda centrar no poder da palavra a (re)criação do fazer literário norteado para questões existenciais, para a consciência do “ser”/ “existir”, para a busca pela identidade e tantas outras questões.

É nessa peculiaridade da escrita inconfundível e singular, é no “novo” da autora que se destaca o narrador de *A Hora da Estrela*: Rodrigo S. M., um narrador que briga por espaço dentro da narrativa. Obtendo-se o conceito de narrador como detentor de uma voz que pode contar, descrever e opinar, obtém-se a definição do narrador escolhido por Clarice para narrar a presente obra aqui trabalhada, visto que ele tanto intervém que chega a escancarar a relação de interdependência que tem com a personagem. Essa relação é, de certo modo, concedida, uma vez que ele, o narrador, permite que o leitor conheça a saga da órfã por meio das reflexões da sua própria vida, costurando a existência dela à dele, além de demonstrar sua inquietação em relação ao ato de escrever, sobretudo sobre a vida da protagonista. Aqui, Rodrigo rompe com o ideal de um narrador que somente conta, superficialmente, uma história:

E também porque entendo que devo caminhar passo a passo de acordo com um prazo determinado por horas: até um bicho lida com o tempo. E esta é também a minha mais primeira condição: a de caminhar paulatinamente apesar da impaciência que tenho em relação a essa moça. (LISPECTOR, 1998, p. 16)

Em *A Hora da Estrela*, por meio da narratologia, é possível analisar a voz do narrador Rodrigo S. M., que também é personagem, denominando-se, inclusive, como um dos personagens principais da obra logo no início dela. No entanto, além de narrador e personagem, ele também é “escritor” assim como Clarice, porque, além de contar a história de Macabéa, nordestina e marginalizada, ele também conta sobre a sua vida e sobre a dificuldade de escrever, o que torna a obra uma verdadeira metalinguagem. Vejamos:

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espalhados.

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama. (LISPECTOR, 1992, p. 33)

Mas e eu? E eu que estou contando essa história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance me deu ela de corpo inteiro. (LISPECTOR, 1992, p. 57)

Na primeira citação, o autor descreve como escrever pode ser difícil, comparando esse processo a quebrar rochas. Também menciona que há faíscas de criatividade e inspiração nesse processo, há também um reconhecimento da dificuldade em começar, especialmente quando os detalhes da história ainda não estão claros, como é o caso da obra aqui trabalhada. A complexidade de transformar algo simples em uma narrativa elaborada também é abordada, comparando-a a apalpar o invisível na lama. Essa é a captura da natureza desafiadora, mas gratificante da escrita.

Na segunda citação, fica clara a perspectiva do narrador que conta uma história que nunca aconteceu, mas que parece conhecê-la profundamente. Ele expressa uma sensação de assombro ao possuir tanto conhecimento sobre a verdade da história, mesmo que seja uma experiência que nunca vivenciou pessoalmente, e ainda se questiona se seu papel difícil é o de intuir e perceber verdades que os outros não conseguem ou não querem ver. Rodrigo mencionou ter capturado um breve olhar de uma “nordestina amarelada”, revelando como pequenos detalhes podem trazer à tona uma compreensão mais ampla e profunda sobre a personagem e a história como um todo.

Ademais, as citações mencionadas acima nos permitem identificar os questionamentos feitos por Lígia Chiappini em *A tipologia de Norman Friedman* a respeito do narrador. Aqui ele, o narrador, se utiliza de expressões como “nem sequer sei”, os pronomes “eu, me”, os verbos flexionados “tenho”, “contando”, “fico”, etc., que são indicadores de um narrador em 1ª pessoa.

Além disso, ele diz que sabe quase tudo de Macabéa, e essa é uma característica marcante de um narrador onisciente, uma espécie de “deus”/ponto de vista divino que sabe tudo sobre as

personagens e as ações da história. Embora Rodrigo saiba quase tudo sobre a personagem, participe da história interagindo diretamente com os eventos nela narrados e quebre a ilusão de uma narrativa distante e imparcial, ele não pode ser considerado esse “deus” de onisciência, uma vez que não é Criador de nada, mas ao contrário, é também criatura criada por Clarice Lispector.

Essa afirmação da autora corrobora a ideia de que o narrador Rodrigo S. M. pode ser, de fato, um autor *onisciente intruso*, como sugere a tipologia de Friedman. Rodrigo pode, assim como mencionado acima, narrar a história à vontade adotando um ponto de vista que transcenda a realidade, possui acesso privilegiado aos pensamentos e emoções dos personagens, pode comunicar-se por meio de um discurso direto, com suas próprias palavras, pensamentos e percepções, envolvendo ainda mais o leitor na história. Essa técnica literária é utilizada por Clarice a fim de criar uma atmosfera crítica e reflexiva acerca da história de vida de Macabéa. Essa “combinação” entre enunciação discursiva (o narrador narra no momento presente) e narrativa propriamente dita (o narrador narra as aventuras/acontecimentos do personagem) é um elemento de composição que merece destaque, porque há uma constante tensão com a história narrada que tolhe no início, inicia no meio e segue sendo embargada pelas inúmeras intrusões do narrador, isso porque ele não abandona o centro da cena, chegando a afirmar que dentre os personagens do enredo, ele é o mais importante.

Além disso, estando no centro da cena considerando-se o protagonista, Rodrigo ainda brinca com a categoria da sua onisciência: ora se demonstra seguro, ora inseguro, acerca do rumo que o enredo irá tomar; ora tem domínio, ora dúvida. Entretanto, há aí um truque por parte do narrador na estruturação da narrativa, porque ele ironiza o destino da personagem, apresentando contrastes entre a opacidade e o brilho, o fracasso e a glória, a estrela e a morte.

No romance clariceano aqui trabalhado, Rodrigo S. M., é quem narra a vida do protagonista, compartilhando suas observações, comentários e reflexões ao longo do romance. Ele ainda assume uma posição de autoridade sobre os eventos narrados, além de refletir também acerca da sua própria função enquanto narrador e a natureza – difícil – da escrita. Além disso, Rodrigo fala diretamente para o leitor e, aproveitando-se da sua centralidade, refletindo sobre o processo da escrita e sua relação com Macabéa, busca estabelecer uma conexão íntima com ele, demonstrando suas emoções, questionamentos e reflexões acerca da história contada.

O narrador fala em primeira pessoa e faz uso de uma linguagem literária introspectiva e bastante reflexiva, sendo caracterizada por um estilo metafórico e poético, que visa adentrar nas profundezas da existência humana e instigar a sensibilidade do leitor. Esse modo de narrar utilizado por Rodrigo faz-nos acreditar que ele possui, de fato, todo o poder e controle sobre a história que está contando, configurando-a de acordo com as suas próprias intenções e perspectivas. Essa autoridade que o narrador possui acaba por influenciar na interpretação do leitor, já que ele insere sem reservas

as suas percepções pessoais na história, como se quisesse, propositalmente, deixar uma história em suspensão e passasse a refletir sobre suas próprias considerações. Esses “parênteses” abertos pelo narrador demonstram ser um elemento indicador de intervalos nas ações da história da protagonista.

Rodrigo abre-se para um diálogo com outros discursos e, assim, deixa de ser um mero contador de histórias e passa a ser alguém que transita pela tamanha vontade de contar a saga da nordestina, ao mesmo tempo que labuta com a tentativa de encontrar a maneira mais adequada de fazer isso, além de sondar a representação da pessoa *escritor*, desnudando uma crise identitária que permeia todo o texto, evidenciando seu questionamento e insegurança em relação ao seu papel na sociedade e no mundo. Desse modo, torna-se figura representativa da temática do indivíduo que escreve uma história em busca de si próprio, uma das constantes da ficção atual. Nota-se, aqui, a brilhante ideia de Clarice em resignar o narrador tradicional por um “autor-narrador” que não somente contará a história da órfã vinda do Nordeste, mas a sua própria história, conflitos internos, crises existenciais, etc., apresentando ao leitor o processo da criação.

O personagem-escritor cria e conta a história e, ao questionar o seu estilo/modo de narrar junto à estrutura da narrativa, apresenta a protagonista de sua história: a pobre nordestina Macabéa, jovem menina de 19 anos que migra de Maceió para o Rio de Janeiro buscando ascender socialmente e levar uma vida melhor do que até então havia de viver. A personagem que não possui plena consciência de sua existência, um ser sem identidade: “Quero antes afirmar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Ademais, ainda respondendo às questões propostas por Culler (1999), para melhor se identificar a configuração do enredo, a fala em primeira pessoa utilizada por Rodrigo faz dele um personagem dentro da história, e ele é ciente da sua condição enquanto narrador-personagem trazendo reflexões sobre o seu papel na história e sobre a sua própria escrita. Além disso, o narrador tem acesso às emoções, aos pensamentos de cada personagem, às informações do enredo e tem pleno conhecimento de tudo o que acontece na narrativa.

Com relação ao tempo da enunciação, esse varia ao longo da história, uma vez que o narrador emprega principalmente o tempo no presente do indicativo para narrar os eventos do presente da história (tempo cronológico), gerando um sentimento de proximidade com o leitor, mas também faz uso do tempo no pretérito do indicativo para relatar eventos passados ou até mesmo fazer reflexões sobre ele.

Além dessa variação temporal, Rodrigo ainda intercala digressões (tempo psicológico) e reflexões pessoais que podem acontecer, conforme a intenção do autor, em diferentes tempos verbais. A variação será realizada de acordo com a necessidade narrativa e/ou estilística de cada momento da

história. Tudo isso prova que o narrador se utiliza de determinados mecanismos para sanar seus questionamentos, e um desses mecanismos é o uso da linguagem, fazendo com que ela passe ao plano central da literatura, deixando de ser somente um “meio” para ser também um fim.

Sob tal ótica, a linguagem passa a ser ainda mais importante não só na produção contemporânea, mas também na obra clariceana, como o próprio Rodrigo S. M. demonstra na obra ao falar sobre o valor da palavra:

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. (LISPECTOR, 1998, p. 14-15)

Aqui, destaca-se a importância da palavra como elemento fundamental na construção da narrativa. O narrador ressalta que, mesmo ao escrever sobre qualquer assunto, a palavra é o material básico essencial, a história é composta por palavras que se organizam em frases, e desse arranjo surge um significado oculto que vai além das próprias palavras e frases. Esse fragmento enfatiza a natureza intrínseca da linguagem na criação literária e como ela é capaz de transmitir não apenas informações explícitas, mas também sentimentos, nuances e camadas mais profundas de significado. O uso habilidoso das palavras e das estruturas de frase permite que os escritores comuniquem pensamentos complexos e emoções sutis aos leitores, criando uma conexão única entre o autor e o leitor.

A conexão que o uso habilidoso das palavras estabelece entre autor e leitor, especificamente em *A Hora da Estrela*, permite que identifiquemos Rodrigo não somente como alguém que conta uma história e se põe na posição de contemplação, mas como alguém que insiste por um espaço incomum à sua classe. O narrador ostensivamente presente no romance desempenha um papel crucial na orientação da história. Sua voz é destacada e se torna parte integrante da narrativa, muitas vezes chamando a atenção para si, antes mesmo da própria história, criando uma interação entre o criador (Rodrigo) e a criatura (Macabéa). A estrutura narrativa é construída em torno de Rodrigo, que assume uma função mais complexa do que simplesmente contar a história. Ele não apenas narra a saga da personagem Macabéa, mas também questiona e problematiza constantemente o próprio ato de narrar, o que contribui para a complexidade da obra.

Diante do exposto, a técnica narrativa utilizada por Rodrigo S. M. o diferencia de um narrador tradicionalmente onisciente e ainda desafia as expectativas convencionais, visto que, nesse caso, o narrador adota uma abordagem mais fragmentada e reflexiva para apresentar a personagem Macabéa. Ao introduzir a personagem aos poucos, em *flashes*, o narrador opta por não fornecer uma visão completa e imediata da moça; ao invés disso, o leitor é convidado a construir retratos mentais da personagem com base nas informações fragmentadas e reflexões que são compartilhadas. Como

mencionado anteriormente, esse mecanismo acaba criando um certo grau de envolvimento do leitor, uma vez que este é desafiado a preencher as lacunas e imaginar aspectos da personagem com base nas pistas oferecidas pelo narrador.

A técnica de intercalar reflexões sobre a própria vida do narrador e sobre o ato de escrever também acrescenta camadas à narrativa. Isso não apenas adiciona profundidade ao narrador como personagem, bem como rompe com a tradicional abordagem de um narrador onisciente e imparcial, contemplativo. Essa abordagem mais introspectiva permite ao leitor acessar os pensamentos e emoções do narrador, criando uma conexão mais íntima entre o leitor e a narrativa.

Ao adotar essas técnicas narrativas, Rodrigo desafia as convenções e expectativas típicas associadas a narradores. Ele transcende o papel puramente informativo de um narrador onisciente que apenas relata os fatos e, em vez disso, mergulha em reflexões, constrói atmosferas e envolve o leitor na construção da narrativa. Isso resulta em uma abordagem mais envolvente e complexa da apresentação da personagem e da história em geral.

Rompendo com esse ideário de narrador que apenas relata os fatos, Rodrigo afirma:

E também porque entendo que devo caminhar passo a passo de acordo com um prazo determinado por horas: até um bicho lida com o tempo. E esta é também a minha mais primeira condição: a de caminhar paulatinamente apesar da impaciência que tenho em relação a essa moça. (LISPECTOR, 1998, p. 16)

Nota-se que, aqui, o narrador expressa a noção de que até os animais lidam com o conceito de tempo, e esse entendimento também é aplicado à própria narrativa. Além disso, ele menciona um sentimento de impaciência em relação a Macabéa; no entanto, reconhece a necessidade de seguir um ritmo gradual e paulatino.

Quando Rodrigo diz “E esta é também a minha mais primeira condição: a de caminhar paulatinamente apesar da impaciência[...]”, ele sugere que essa abordagem gradual seja indispensável para a perspectiva do narrador, que tem o compromisso de contar a história de maneira ordenada e metódica, apesar do sentimento de impaciência. Com isso, independentemente de qualquer sentimento, o narrador se preocupa com a maneira que trará Macabéa aos olhos do mundo, contando a sua história:

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina. Sabendo, no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina. (LISPECTOR, 1998, p. 20)

Rodrigo demonstra ter dúvida sobre como deve se portar para poder contar a história da jovem moça. Ele não sabe se desce ao seu nível, adquirindo características como “olheiras escuras” e “roupas rasgadas” para aproximar-se ainda mais da personagem e, assim, transmitir mais veracidade, ou se mantém como um ser convencional, detentor da escrita e distante daquilo que Macabéa era para a sociedade, e consegue, do mesmo modo, contar a história.

Embora o narrador tente de algum modo aproximar-se da realidade de Macabéa para melhor descrevê-la, ele também se preocupa em aparecer na história, contendendo-se consigo mesmo a fim de descobrir qual é o seu lugar. Isso evidencia-se nos momentos em que, ao invés de focar na história da protagonista, o narrador se coloca à frente, expondo suas opiniões, reflexões e queixas, deixando subentendido que essas são as informações mais importantes que o leitor deve captar. A exemplo disso, vejamos um fragmento retirado da obra, em que Rodrigo tira Macabéa de campo para colocar-se em evidência:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

Diante disso, fica claro que todo o intimismo e carga existencial abordada por Clarice se dão por meio do fluxo de consciência e monólogo interior de Rodrigo, tornando a narrativa mais densa, repleta de reflexões e “estudos” acerca das situações. Tudo isso fazendo com que o narrador se torne uma figura crucial e indispensável nessa história, já que ele próprio percebe que a realidade o transcende e busca transgredir seus próprios limites ao escrever sobre ela:

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. (LISPECTOR, 1998, p. 17)

O narrador Rodrigo S. M., além de transgredir seus próprios limites, transgride também a si próprio, a sua própria existência, colocando-se na posição de uma entidade divina, uma espécie de “deus” que tudo sabe e vê, que tem a capacidade de dar e tirar a vida, como ele mesmo diz: “devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação.” (LISPECTOR, 1998, p. 33). Aqui, nota-se claramente qual é a intenção do narrador: comparar-se a Deus, Aquele que é, de fato, o autor da vida, e tem pleno poder de salvar.

Desse modo, subentende-se que o leitor conheça a história de Macabéa somente até onde Rodrigo permite, tornando-o um ser superior à protagonista, alguém que conta uma história deixando suas próprias impressões, apresentando a moça sob sua ótica, não apenas narrando a história dela, mas se envolvendo em uma profunda exploração da subjetividade e do processo de escrita. Sua

narrativa, como mencionado anteriormente, transcende a mera apresentação de fatos, tornando-se uma reflexão sobre a própria natureza da narrativa e da escrita, adicionando camadas de profundidade à obra, convidando os leitores a uma análise ainda mais cuidadosa.

Conclui-se, portanto, que Rodrigo S. M., o narrador da obra, está intrinsecamente conectado aos movimentos de Macabéa, construindo, assim, a imagem da personagem. Isso ilustra a complexidade da narrativa, onde Rodrigo se torna uma figura profundamente ligada a Macabéa, e sua narração precisa e técnica é de fundamental importância para dar vida a ela. Em suma, a importância de Rodrigo vai muito além de ser apenas um narrador. Ele é uma ferramenta literária que Clarice utiliza para explorar questões profundas sobre criação, subjetividade, autoria e a relação entre o autor, a história e o leitor. Sua presença enriquece a narrativa e adiciona camadas de significado à obra como um todo, e essa perspectiva ressalta o enigma e a profundidade do próprio Rodrigo S. M. na obra de Clarice Lispector, fazendo dele a verdadeira estrela da história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho demonstrou como Clarice Lispector, por meio da sua obra *A Hora da Estrela*, transcendeu os limites da escrita e de qualquer convenção literária para explorar a essência da existência humana. O diálogo entre a obra e suas interpretações destaca o ato de leitura como um processo de questionamentos e reflexões, ressalta a importância da obra literária como um meio de redescobrir narrativas ao longo do tempo e em contextos históricos distintos.

*A Hora da Estrela* oferece um terreno fértil para analisar as complexidades da escrita e o estilo literário da autora. Ao longo deste trabalho, exploramos como Lispector mergulha nas profundezas da existência humana por meio da voz do narrador Rodrigo S. M., destacando a relação intrincada entre a criação literária e a busca por significado.

A obra revela que a escrita é muito mais do que uma simples atividade. Ela é uma necessidade vital para Rodrigo, uma forma de enfrentar a marginalização e uma incansável busca pela sua identidade e por um propósito de vida. Na narrativa, as palavras de Rodrigo e a voz de Clarice se entrelaçam a fim de criar uma profunda reflexão sobre a condição humana, uma vez que o estilo da autora é justamente esse: explorar o interior do personagem, refletir sobre a sua existência e seu propósito de vida. Esse estilo é o reflexo do mundo interior de cada leitor, o que nos permite ter uma visão profunda e um coração imerso nas entrelinhas das suas obras.

Em suma, não só a obra aqui trabalhada, mas muitas outras obras de Clarice Lispector continuam a ressoar e a desafiar leitores, produzindo experiências profundas. Esse contato e conexão íntima entre o autor, a obra e o leitor demonstra como o ato de escrever tem o poder de ultrapassar as fronteiras de tempo e espaço, provocando reflexões que ressoam de geração em geração. A escrita e o jeito único e peculiar de Clarice é um testemunho do quanto transformadora é a literatura e a influência que ela exerce na sociedade, na cultura, no mundo...em nosso mundo.

## REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, set, 1998.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: CANDIDO, Antonio. Fester (Org.) **Direitos humanos e Literatura**. Cjp/Ed. Brasiliense, 1989.
- CULLER, Jonathan. Narrativa. In: CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma Introdução**. Tradução Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999. p. 84-94.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar-maio, 2002.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.